OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000		
Extrangeiro e India.....	5$000	2$500		

35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1198

10 de Abril de 1912

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

DR. LUIZ FILHOS BERQUÓ POÇAS FALCÃO

DR. JOÃO JOSÉ DA SILVA

DR. EDUARDO ABRANCHES FERREIRA DA CUNHA

JUIZES DO SUPREMO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

CRONICA OCCIDENTAL

Não acabaram as amendoas e canelões cobertos de assucar desde a côr do chocolate até á alvura do jaspe, tão brancas, tão petrificadas, que más linguas chegam a avançar, serem feitas da mesma massa dos tétos estucados em custosos relevos pelos salões aristocraticos e até nas modestas casas de aluguer barato, numa grande prodigalidade de gesso.

Pois não acabaram, cobertas de assucar, ou de sulfato de cal, as amendoas appareceram pelas lojas dos confeiteiros, com grande gaudio da gulodice nacional, que lhes fez as honras da semana santa, como coisa que não dispensa, a despeito de todos os regimens possiveis e de todas as separações imaginaveis.

São os costumes, e não ha nada mais teimoso.

E se o povo não prescindiu das amendoas, tambem não se absteve de visitar as igrejas, e então foi de vêr como o velho Chiado recordou os tempos antigos.

Pelas portas do saudoso Marrar, hoje transformado numa chapelaria, os peraltas da velha e da nova guarda, trajando de preto e de flôr ao peito como o tradicional Cunha de Sotto Mayor, perfilavam-se até a Havaneza, e assistiam á passagem das damas e meninas, roçagando sedas pretas numa promiscuidade com lansinhas e algodões do povo miudo, sem distinção de classes, em santa fraternidade, como manda o coração e o divino Mestre, que todos, em piedosa romagem, iam prestar o culto da sua crença, entrando na Encarnação, nos Martires, descendo até S. Domingos e, sobraçando ramos de rosmaninho, espalhavam na sua passagem o balsamico aroma dos rosmaninhaes das serras.

A concorrencia foi maior este anno do que se poderia esperar, atenta a intangivel separação das Igrejas do Estado, mas, ou fôsse porque o tempo estava lindo ou porque o povo não se separa com a mesma facilidade com que o Estado se separou, proseguiu nos velhos costumes, com uma pertinacia muito semelhante á da mãe Eva em provar do fruto proibido, mesmo porque lho proibiam.

E' o espirito de resistencia á intolerancia.

Se até a Assembleia Nacional Constituinte, não escrupulisou de se dar ferias de quinze dias, para os seus membros descançarem das fadigas legislativas, no seio das familias, a gosarem o tempo santo, comendo amendoas, canelões, filhozes e até os folares da Pascoa, não deixando um ou outro de, muito á socápa, visitar a sua igreja e algumas capelinhas.

E como não havia de ser assim se a consciencia deve ser livre como o pensamento, que nisto vae a liberdade bem entendida, liberdade que até os homens de ámanhan não dispensaram, dando-se aos estudantes as ferias do costume para não perderem o que o uso faz lei.

O mesmo sucedeu nas repartições do Estado, que permitiu tolerancia de ponto na quinta feira santa e mandou fechar as secretarias na sexta.

Os funcionarios do Estado tiveram os seus feriados do costume, incluindo os que se entregam ás lucubrações complicadas da execução da intangivel, que, afinal se provou não privar dos mesmos feriados.

Aos costumes não se resiste e muito menos ás crenças.

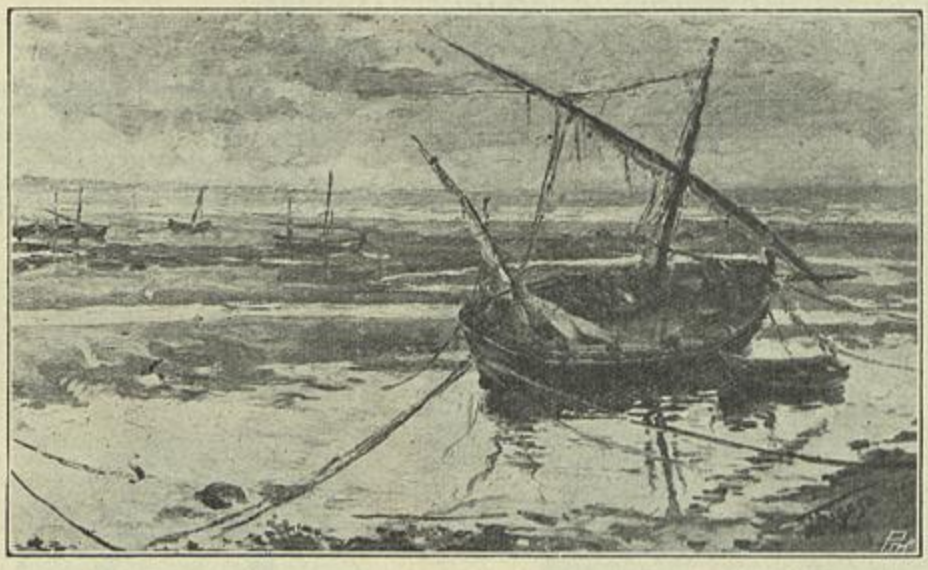
Ainda houve teatros que anunciaram espétaculo na quinta feira, mas o resultado não os animou a repetirem no na sexta. O povo preferiu os animatografos que lhe apresentavam fitas da Paixão de Cristo, vendo perpassar em menos de uma hora, por deante de seus olhos, todo aquele extraordinario drama de ha dois mil anos e que é eterna lição da humanidade.

De feriados e festas foi a ultima semana, e os que não se aprazeram a visitar as igrejas e os confeiteiros, poderam visitar, sem se desviarem do caminho, duas exposições de arte, que neste resurgir da primavera, vieram como as andorinhas poisar no seio de Lisboa.

A primeira dessas exposições veiu do Algarve e esteve patente no *atelier* Bobone, da rua Serpa Pinto. Nela apresentou Falcão Trigoso, artista de raro merecimento, as paisagens daquele país, das lendas moiriscas, por alcaçares doirados de arabescos, e povoados de princesas de olhos pretos aveludados, ardendo de amor, raptadas por altas noites de luar, divagando de serra em serra, nos braços de seus amantes. Desse país das amendoeiras floridas, pelas encostas, pelos vales, embalsamando o ar com o seu perfume aromatico e acre. Desse país que Falcão Trigoso tem cantado nas suas télas como em poema inspirado naquela natureza privilegiada e singular de que ele devassa os segredos.

Vêr os quadros de Falcão Trigoso é vêr a paisagem algarvia, as suas ribas do mar, o seu sol mais luminoso e quente em céu muito azul; é vêr a vaga melancolia suave, languida que por aquele país se respira, mais acentuada no seu quadro *Algarve triste* ou no *As ultimas folhas*.

Qual dos vinte quadros expostos, melhor se ha-de apreciar se todos éles têm qualidades que se impõem, desde o *Benza-te Deus... Diabo!* amendoeiras e alfarrobeiras carregadas de flôr, que um pobre velho contempla admirado, até ao *Levante*, um bélo trecho da bahia de Lagos.



LEVANTE (BAHIA DE LAGOS)

Com Falcão Trigoso, uma nova artista expõe as primicias da sua paleta; é sua mulher, D. Piedade de Azevedo Corte Real Trigoso. Esta senhora, antes de ser esposa de Falcão Trigoso, foi sua discipula que éle iniciou na arte de pintura e de que não se terá arrependido, porque a novel pintôra é já uma esperança auspiciosa, quando não se afirma, num ou outro dos seus oito quadrinhos, já segura de certa tecnica, como a que se observa nas suas télas *Rosas brancas*, *Chagas*, *Depois do «lunch»* e mais quadros de genero, que expõe.

DEPOIS DO «LUNCH»

A segunda exposição poude ser apreciada numa das salas da redacção da *Luta*, no palacio dos condes da Azambuja do largo do Calharis.

Uma exposição que se vê com prazer, que se vê até com certo orgulho nacional, por isso que é bem portuguêsa, natural ali das Caldas da Rainha, celebre pelas suas termas, não menos celebre pela suas cavacas e loiça, essa ceramica indigena a que um dia, um grande artista, Rafael Bordalo Pinheiro, emprestou um raio do seu talento e com éle os fóros de arte que lhe conquistou.

E' uma exposição de ceramica artistica, que tem a alta significação de um progresso real, pela belesa e arte das variadas peças que os visitantes têm podido admirar.

Costa Móta, sobrinho, um esculptor de escola, já conhecido por seus trabalhos de esculptura, é o autor de toda aquela ceramica artistica de vasos, de jarras, em que a par de formas fantasiadas se observam as formas classicas e assim os olhos se distraem por numerosos objectos qual dêles o mais atrativo, de concepção feliz e delicada que é um encanto, não se resistindo a adquirir qualquer daqueles lindos *bibelots*, de uma elegancia extrema que só se produz com a base de estudo de boa escola e muito trabalho, que é a mais segura autonomia de um povo.

A cronica regista com prazer mais esta prova da vitalidade nacional, mau grado dos pessimistas que pela indolencia propria julgam tudo perdido.

Por ultimo, ao terminar a cronica chega a noticia de terem desembarcado em Lisboa dois sabios astronomos inglêses que vêm fazer seus estudos do eclipce do sol marcado para o dia 17.

São dois astronomos autenticos, mrs. Irwin Sharp e Backhonse a que não faltam a classica cabeleira, as longas barbas brancas, os austeros oculos e o previdente chapeu de sol, instrumento indispensavel desde que ao país do sol vêm arrostar com o luminoso astro para estudar o seu momentaneo eclipce.

Por uma coincidencia curiosa chegou a Lisboa com os ditos sabios, um jornalista inglês sr. F. Dupree, redactor do *The Standart*, que vem tambem estudar a situação politica deste país.

Qual dos estudos será mais complicado?...

CAETANO ALBERTO.

Juizes do Supremo Tribunal de Justiça

Entre a publicação do Decreto de 20 de dezembro de 1910, attinente ao limite de edade dos magistrados judiciaes, e a aposentação effectiva dos juizes de mais de setenta annos mediou um longo espaço de tempo, excedente a um anno, não obstante o art. 4.º do citado decreto declarar que elle entraria *immediatamente* em vigor. Pois só começou a ser executado, quando arbitrariamente aprouve ao governo, que em sua alta sabedoria decidiu sobre a opportunidade da execução, em harmonia com as proprias conveniencias. Este decreto é aquillo a que vulgarmente se costuma chamar um pau de dois bicos, parecendo conter na sua letra e no seu espirito uma ameaça e uma promessa — uma *ameaça*, por ter sido inventado, logo que na segunda instancia (Relação de Lisboa) fôram julgados os recursos que motivaram a deportação dos juizes para a India e Angola, uma *promessa*, em quanto deixou uma porta aberta para se adiar até aos setenta e cinco annos a aposentação dos *juizes physicamente robustos e de raro valor intellectual*, cuja edade ultrapassasse os setenta. Mas o certo é, que d'entre os quatorze juizes do Supremo Tribunal de Justiça que fôram aposentados, *d'um só jacto*, nenhum d'elles foi havido como robusto e de raro valor intellectual para continuar a sua carreira profissional até ao limite maximo dos setenta e cinco annos. *Vitam regit fortuna, non sapientia.*

Fôram passados todos, de chofre, á classe dos inuteis, como se não tivessem prestimo algum relevante, nem physico, nem intellectual. O caruncho da vetustez minava-os implacavelmente, e os conhecimentos adquiridos em um longo periodo de lides forenses tinham se evaporado. Ironia do destino! Fôram aposentados os juizes do Supremo Tribunal de Justiça drs. Thomaz Nunes de Serra e Moura, Eduardo de Serpa Pimentel, Eduardo José Coelho, José Maria Pinto Ribeiro, Manuel Ignacio Brum do Canto, João Baptista Dias de Oliveira, Augusto Cesar da Silva Mattos, Sebastião C. da C. Brandão e Albuqverque, Ernesto Kopke da Fonseca Gouveia, Francisco Antonio Ochôa, Accacio Pedro Ribeiro Alvares de Mello e José da Cunha Navarro de Paiva (em commissão no Supremo Conselho de Justiça Militar).

A primeira ideia que occorre ao espirito observador de quem tenha seguido attenta e placidamente o curso dos acontecimentos, é investigar a razão por que, sendo o decreto do limite da edade de 20 de dezembro de 1910, só em fevereiro de 1912 se manifestou a sanha truculenta do governo, obrigando a aposentar-se os juizes que se haviam incapacitado pela sua *vetustez*. E' provavel, que saibam a razão de ser d'este procedimento os membros do congresso que votaram contra o augmento de subsidio á caixa das aposentações; pelo menos houve quem denunciasse quaesquer fins occultos.

Talvez segredos de Estado. O que, porém, não deixa de ser certo e sabido é que o congresso poderia ter auctorisado com grande antecedencia o reforço de subsidio á caixa das aposentações, se porventura o governo o julgasse conveniente. Não é menos certo, que alguns dos membros do congresso e dos mais distinctos votaram contra o reforço do dito subsidio, por entenderem muito sensatamente, que era consentaneo aos bons principios e aos interesses do Estado, que se discutisse e votasse conjunctamente o decreto das aposentações.

As despezas augmentaram consideravelmente pelas aposentações, promoções e novas nomeações, como não podia deixar de ser. Isto é intuitivo. O que se diz em contrario, para disfarçar, ou attenuar o descalabro financeiro, é uma ficção transparente, resultante d'um jogo malabar de cifras, que a ninguem póde illudir. No estado angustioso e deploravel da fazenda publica qualquer aggravamento das despezas orçamentaes representa mais que uma lesão dos direitos de todos nós.

Diz se, que os governos são a imagem dos povos, e que os povos teem os governos que merecem, e talvez assim seja. *In the long-run wery, government is the exact symbol of its people with their wisdom and unwisdom; we have to say, Likle Prople, like government* (Post and Present by Thomas Carlisle).

Mas, se somos um povo oriental, oriundo do crusamento hybrído de differentes raças menos propensas para um estado social progressivo e bem orientado, como affirmam escriptores estrangeiros, que, ao menos, saibamos uma vez ser homens, com a mascula tenacidade dos que luctam pela vida, para erguer um dique contra os desmandos e malsinações dos governantes, sejam elles quaes fôrem. Mas, voltando ao fio dos acontecimentos, repetiremos que não procedeu bem o governo, repellindo os juizes mais antigos dos tribunaes superiores, offendendo assim o seu pundonor d'homens e de magistrados austeros e dignissimos.

Os juizes preteridos para a presidencia do Supremo Tribunal de Justiça fizeram a sua carreira pelo ultramar, onde deixaram as melhores impressões pela austeridade de caracter, sentimentos e costumes. Serviram na Relação de Lisboa,

durante mais de quatorze annos, cada um d'elles, e sendo promovidos a juizes do Supremo Tribunal de Justiça, ali tomaram posse de seus cargos o dr. Eduardo Abranches Ferreira da Cunha em 29 de novembro de 1907, o dr. Luiz Filhos Berquó Poças Falcão em 5 de fevereiro de 1909 e o dr. João José da Silva em 11 de março de 1910. Todos elles são juizes distinctissimos pela intelligencia, saber, rectidão e longa pratica dos negocios forenses.

Dizem os francezes — *Qui veut noyer son chien, l'accuse de roge.* Pois o ministro da justiça conhece muito bem os juizes preteridos, e sabe perfeitamente, que nenhum d'elles tem a menor mancha na sua vida publica e particular. São cavalheiros bem conhecidos, *sans pour et sans reproche*, e gozam d'uma reputação honrosissima, pela sua rectidão e assiduidade no desempenho das funcções que lhes estão incumbidas.

Para pôr remate a estas breves e singelas ponderações, diremos, em conclusão, que os tres juizes que ficaram no Supremo Tribunal de Justiça, por não terem attingido o limite da edade, serviram na Relação cerca de quinze annos, ao passo que alguns dos que fôram ultimamente promovidos apenas contavam sete e oito annos de serviço em segunda instancia. As cousas são o que são. Não obstante isso, sempre diremos aos Ephesios: — *Diligite justitiam qui judicatis terram — Est propter gloriam minoratio.*

Ora pois.

SILVESTRE SANTA MARTHA.

Questões d'arte

Um artista esquecido, Johann-Rudolph Zumsteeg

(1760-1802)

II

A Hochschule ministrava aos alumnos o ensino do francez, italiano, mythologia, historia e geografia. Os estudantes tinham uma existencia completamente separada do mundo! Havia entre elles um grande convivio em que se discutia os assumptos mais litterarios, scientificos e musicaes. Mas as familias raras vezes os podiam visitar; a disciplina era militar, educação de ferro, havendo porém uma harmonia moral que os distinguia sempre.

O ensino musical era logo desde principio sob o lado pratico; os alumnos formavam uma orchestra e o duque seguia os progressos com ráro interesse. Quantas vezes seguia elle no cravo, as brilhantes symphonias de Jomelli! Em 1793, o Instituto tinha 40 musicos e 31 bailarinos; uma escola dramatica foi junta para cantores e actores. No mesmo anno foi fundada uma *Escola para raparigas*, com escola de musica correspondente. Estas raparigas vieram completar a *companhia* que daria mais tarde dramas e operetas. A primeira recita foi com o *Avarento* de Moliere (14 de dezembro de 1783), em francez, um bailado, uma opereta italiana d'um tal Boroni.

Em 1775 a Academia foi transferida para Stuttgart.

Em 1779, José II assistiu a uma representação da *Didone abandonada*, dirigida por Poli, tendo sido um grande successo.

O joven Zumsteeg tomava parte n'estas festas, pois desde a sua entrada no orphalinato revelou grandes qualidades para a musica. Dedicou-se ao violoncello e á sua ambição de ser um *virtuose*. Os seus professores foram Eberhard Molern e Agostino Poli (1).

As suas primeiras composições foram escriptas para violoncello (2) e muitas se perderam.

Zumsteeg dava pouca importancia aos seus manuscriptos e estava sempre prompto a dá-los a qualquer que os pedisse! (3).

(1) Este compositor era um inimigo da musica alleman, até de Mozart! Andava quasi sempre de casaca vermelha, até pelas ruas, indo ao mercado assim, fazer as suas compras. Era muito ciumento, e tinha todo o dia a mulher fechada em casa.

(2) Escreveu para cima de quinze *concertos* para violoncello, com acompanhamento de orchestra.

(3) Muitas vezes sua mulher se queixou da falta de varios manuscriptos, e muitos que os tinham pedido quizeram tirar partido com os editores. Luiza Zumsteeg protestou muitas vezes.

Algumas obras appareceram gravadas sem que o auctor soubesse; foram manuscriptos que os seus *amigos* lhe pediram.

Zumsteeg não lhe agradou muito esta ideia, pois chegou a dizer que as súas obras de mocidade nada valiam!

Só vemos Zumsteeg tomar um certo interesse nas suas obras, em varios *concertos* e *peças pequenas*, para flauta e oboé destinadas aos seus collegas d'orchestra.

Nos ultimos annos da sua estada na Academia, Zumsteeg começou a evidenciar-se e já podemos notar varias obras de valôr como: *lieders*, *scenas lyricas*, e *balladas*.

Zumsteeg ligou-se muito com pintores e esculptores que formavam com os musicos uma classe commum (1). Muitos rapazes tambem formavam uma sociedade de poetas, tendo como propheta o grande Schiller. Zumsteeg, tinha por toda a manifestação artistica uma grande admiração, e como Schiller era muito sensivel á musica, estas duas almas comprehenderam-se perfeitamente.

Klopstock foi o modelo e o idolo d'esta rapaziada. Zumsteeg compoz a *Festa da Primavera* para declamação com acompanhamento d'orchestra, imitando as obras de Benda. Esta obra foi publicada apoz a sua morte, e tem sido executada nas grandes cidades, durante a primeira metade do seculo XIX.

Goethe muito tarde veio trazer uma grande influencia nos espiritos; os estudantes sabiam de cór paginas inteiras do *Werther*. Zumsteeg poz logo em musica o poema *Colma*, mais tarde escreveu uma partitura, desgraçadamente perdida, para a representação de *Clavijo*, em que Schiller em 1780, dia d'annos do duque, fez a sua estreia como actor.

A grande febre da poesia estava no auge, Schiller escrevia os *Brigões*, Zumsteeg compunha-lhe musica, e as suas melodias vigorosas eram cantadas em côro com o maior enthusiasmo, apesar dos professores terem prohibido taes canções!

(Continúa.) ALFREDO PINTO (SACAVIM).

(1) O celebre esculptor Dannecker foi um dos seus amigos mais intimos.

Pró-Mar

A proposito do «Á borda dagua» por Alfredo Guimarães.

Precioso feixe de telas literarias, trabalhado por um poeta *A' borda dagua*, escutando o marulhar da vaga.

Livrinho de marinhas sugestivas, escrito n'uma fraseologia regional, com tintas belamente estudadas no realismo da vida dos poveiros.

Se pretendesse destacar alguma, não sei qual preferia. Se o quadro da praia na «hora da areia», com suas creanças envergonhadas e medrosas, que encanta. Se aqueles «*dois velhos grados, com fisionomia de meninos, ácerca de pescas filosofando*, enroupadas em suas vestes de saragoça e *arrancando fumo ao cachimbo*, são bem os *pescadores reformados*, recordam-me uma *terra-cota* bronzeada por mão de mestre. Se o *garoto e os morcegos vagueantes* é delicioso de imprevisto e originalidade. Se emfim tudo são paginas deleitosas, talvez preferisse a confissão do amor do poeta perante a musa, a Rára, perante o Mar.

Escutae-o:

«O Mar é belo, o Mar é forte, o Mar é estranho!

Ouve!... Preguiça e rugido! como ele canta!...

Eu mil vezes tenho sonhado com a beleza divina do teu corpo. De olhos abertos na escuridão do meu quarto, corro-o todo, palpo-o!... E encanta-me a velutosidade doirada do teu ventre; a carinhosa gordura maternal dos teus seios — que são como duas grandes magnolias rosadas, na primeira alegria de março; a tua garganta, elegante como as plantas, e profunda, nas profundas caricias que a enlaçam; e as tuas coxas rosadas, enxutas, fortes, que recordam as de uma ninfa reclinada de goso entre os loureiros orvalhados e formosos!

Pois só o Mar, no seio elastico, alteado e voluptuoso, das ondas, te evoca nas imagens claras da natureza, entre meus cinco sentidos insatisfeitos.

E, ó Rára: como todo o mar, por tua graça, pela graça estuante do teu corpo claro, é mais belo e é mais forte!

.....

E, ó Rára! como o teu riso — a sua graça é a Primavera, a frescura, a ternura, o gosto flebil e espreguiçado!...

.....

E o meu anceio da tua posse — a posse esperada da tua fórma estuante e fórte — o mar, incerto, a revolve e a torna escura...

Ah! mas pelas horas de sonho que ele me traz — horas mais humanas, mais livres, mais universaes de visão luminosa — eu o amo e lhe quero a extremos...

Porque ele, ao sol, é a onda volutuosa do teu ventre!

De noite, ao luar, é a garganta de prata das tuas caricias e da tua preguiça!...

Pelo teu corpo, pois, bemdito o mar, ó meu amôr côr de rosa!»

Magistral poema em prosa. Nem a nota forçada do nefelibatismo literário, nem a tristeza melancolica dos vates. Simples telas literárias, emfreixadas a branco, cantando a terra-mater e o mar-ignoto. Paginas educadoras de caracteres sãos, pelas quais felicitamos o autor.

ALVARO NÉVES.

O Eclipse do Sol

Não estão bem de acordo os sabios astrónomos sobre o ponto exáto, em Portugal, onde o eclipse do sol que deverá dar-se, em 17 deste mez, pelo meio dia, se apresentará *total* ou *anular*, visto que ele se realisará sob uma linha que vae de Ovar a entre Chaves e Montalegre atravessando o triangulo Ovar-Porto-Penafiel numa zona de 12 kilometros de largura. Essa linha está demonstrada na gravura junta.

A razão de desacordo é o não se conhecer ainda exátamente o diametro aparente da lua, estudo que os astrónomos esperam agora fazer, se o estado atmosferico permitir observar bem o eclipse.

Todas as probabilidades são para que a totalidade do eclipse se dê na linha de sombra entre Penafiel e El-Barco, sendo na restante linha central o eclipse anular.

Em Lisboa, Ovar, Porto, etc., o eclipse será apenas parcial.

Entretanto, em vista das diversas opiniões quer dos sabios francêses, quer dos inglêses, americanos e portuguêses, só depois da realisação do fenomeno, se saberá quem melhor fez seus calculos, aliás representativos de lucubrações complicadas de um verdadeiro labirinto de cifras.

Para o estudo do fenomeno solar, começam chegando a Portugal astrónomos estrangeiros dos centros mais adeantados da ciencia, contando-se já com a missão inglêsa enviada pela *British Astronomical Association*.

Preciosidades Bibliograficas

A adoração dos Magos
A ceia
O Calvario

Iluminuras do Missal de Estevam Gonçalves Néto, existente na Biblioteca da Academia das Ciencias de Lisboa

ESTEVAM GONÇALVES NETO

E O

MISSAL ILLUMINADO

Apaixonados de preciosidades artisticas, quêdam-se silenciosos e contemplativos perante este famoso *missal*.

Criticar tod'a grandiosidade desse monumento compete a um mestre. Critico d'arte eleito, aliando ao conhecimento profundo de Renascença o da vida monastica portuguesa do seculo XVII. Um critico consagrado como Ramalho Ortigão.

Despretenciosos de criticar, mas incumbidos de revelar algo ácerca dessa joiasinha, elaboramos uma sintética noticia.

Estevam Gonçalves Neto em 1610 era abbade de Serêm, quando iniciou a feitoria d'um *missal*, de 44 paginas com vinhetas magistralmente iluminadas. Se o frontispicio é belo, e bela a pagina da *adoração dos pastores*. Se é sublime a *Ceia do Senhor e o Senhor no Calvario*. A *Assumpção de N. Senhora* é deliciosa, como primorosa a pagina *N. Senhora recebendo o menino das mãos de S. Francisco de Assis*.

A proposito escreveu o abbade Castro: «Este precioso monumento só é bastante para dar uma perfeita idéa do grande talento e merito de seu autor na arte de pintura, de pannejado e colorido. O trabalho que se observa neste missal é, na verdade, bellissimo e cheio de muita novidade: o desenho é corréto, o colorido admiravel mui comparado ao de Frederico Barrocci e Tadeu Zuccaro. Parece ter o autor eleito estes dois famosos pintores da mesma escola romana, para modelos da sua obra, pela qual não só merece louvor o seu génio, e fertil imaginação mas até que se lhe dê o nome do pintor sublime.»

O missal do conego visiense é o documento mais grandioso de perfeição que atingiu a arte de iluminura no seculo XVII.

No decorrer daquelas paginas encantadoras, destaca-se do ârmonioso colorido um azul peninsular como chancela do iluminador.

Na Biblioteca de Paris arquivava-se, então, o mais celebre missal da França. Era o conhecido missal de Juvenal de Ursinos, que levara oito anos de confecção. Porem, o de Estevam Gonçalves suplantava-o pela belesa. Era o producto de doze anos de trabalho paciente. E José da Cunha Taborda, ótimo critico imparcial e pintor, opiniando dizia: — «Estevam Gonçalves soube intender excellentemente as regras da arquitétura, pres-

Preciosidades Bibliograficas

A Resurreição
A descida do Espirito Santo
A Assunção

Iluminuras do Missal de Estevam Gonçalves Neto, existente na Biblioteca da Academia das Ciencias de Lisboa

pétiva e ornato. Disto é tambem prova o citado *missal*, que, suposto por unico tem titulo de raro, e se merece toda a estimação, muito mais lhe é devida ainda por incerrar dentro em si tantas maravilhas d'arte, quantas são as estampas que contem. Não podemos proferir sem mágua que ignoramos outras muitas particularidades deste insigne varão, tão respeitavel pelos talentos pictóricos, como o seria talvez nos diversos ramos scientificos».

Em gratidão ao bispo de Vizeu, D. João Manuel, pois de seu capelão o elevara a conego daquela catedral, oferecera-lhe o precioso manuscrito, em 1622. D. João acceitando-o, fel-o depositar, por ser obra singular no seu genero, na livraria dos padres do convento de N. Senhora de Jesus. E' oje propriedade da Academia das Sciencias de Lisboa, por portaria de 23 de outubro de 1834.

Em julho de 1874 foi renovada a inquadernação. Fechos, cantos e guarnições de prata sobre veludo carmesim. Sobre ele juravam os soberanos nos cerimoniaes da abertura das côrtes. Por ordem do governo figurou na Exposição de Paris de 1867, onde «excitou a admiração de todos os curiosos.» Que pena — exclamavam os conhecedores, — não poderem semilhantes belesas artisticas permanecer constantemente sob nosso olhar. Que pena termos de dizer-lhe um adeus eterno.

Em 1874 apareceu uma reprodução fac-simile, cromolitografica, feita em Paris. Antecedi-a introduções portuguesa e francesa, respectivamente, de Mendes Leal e Ferdinand Denis «A imprensa dava o golpe fatal na arte que tanto enriquecera a idade media.» Deçaida essa arte, valorisaram-se os produtos pela raridade. E assim, o *missal* de Estevam Gonçalves, pela sua beleza e raridade, constitue um monumento.

De Estevam Gonçalves á em Vizeu um *Livro de missas de prima* igualmente iluminado. A ele se atribuem os desenhos e cinzeladuras dum calix riquissimo, pertença da Sé, d'aquela cidade.

Durante o ano, muitos estrangeiros expressamente visitam a Academia das Sciencias de Lisboa no intuito de contemplar o famoso *missal*. E entretanto, pouquissimos portugueses conhecem a existencia dessa maravilhosa obra. Mas quando resurgir o culto artistico, o povo portuguez, admirando essa joia exposicionada permanentemente na Biblioteca da Academia das Sciencias de Lisboa, prestará omenagem ao genial iluminador, que orgulhosamente assinou:

Steph. glz. Abbas Sereüeusis

A. Néves.

UNIVERSIDADE LIVRE DE LISBOA

«Nature et expérience, voilá le mot d'ordre du temps.»

BUCHNER — *Force et Matière.*

«Le mot nature signifie la somme de tous les phénomènes comme aussi de tontes les causes qui les produisent, y compris non seulement ce qui est susceptible d'arriver.»

JOHN STUART MILL — *Essais sur la Religion.*

«D'une manière générale, la science est l'explication des choses.»

LOUIS LIARD — *La Science Positive et la Métaphysique.*

A' medida que o quadro da natureza tem sido aclarado e definido pelo potencial, nunca em repouso, que se encerra na caixa craneana do animal primario, não por instrumentivo apparelho de resistencia e dominio material privativos, mas por nitidez raciocinante de intellecto absorvente e assimilador, á medida que assim tem occorrido, simultanea e proporcionalmente ha desmerecido em incidencia prestigiosa e em valimento auctoritario, a dogmatica estupenda que acorrentára com interesseiro egoismo as gerações de muitas idades!

Houve um dia em que, se avigorou no cerebro humano o credo positivo, a modalidade logica e categorica, — a verdade authentica, o laboratorio puro!

Importa averiguar, rebustecer o averiguado á plena luz de suas provas palpaveis, ampliar, desenvolver, generalisar com enthusiasmo, intensa e extensamente para que, alfim, de extremo a extremo da terra, não possa haver mais privilegios de casta e monopolios de saber.

Em oração inaugural do anno lectivo de 1904 a 1905, na Escola Medico Cirurgica do Porto, hoje Faculdade de Medicina, disse, brilhantemente, o professor Lopes Martins, ao concluir o seu deveras notabilissimo trabalho:

«... no progredir scientifico, os factos a que presida uma rigorosa observação ficam,...»

Logar, portanto, á Sciencia, que nobilita e engrandece, á Sciencia que: «Não só é eminentemente propria para dar ao espirito a seriedade, a firmeza e a clareza de convicções que o tornam superior ás sugestões da vaidade e do interesse pessoal, o que é já uma concepção do dever, como tambem é uma escola de modestia e benevolencia.» (A. J. Ferreira da Silva — *A Importancia e Dignidade da Sciencia.*)

Certamente, com orientação similar á do celebre chimico portuense que, em taes termos, se exprimiu por occasião da abertura solemne da Universidade do segundo centro da vida portugueza, em 1 de novembro de 1911, partiu do Gremio Montanha, da capital, a iniciativa de uma universidade accessivel a todos os cidadãos, sem preambulos de matricula e sem terror de cathedraticos.

Um seu consocio, Alexandre Ferreira, apresentou a proposta, fôram mettidas mãos á obra desde logo e Lisboa inteira já conhece, por util, a novel instituição, cujas primeiras lições — «Utilidade da Astronomia; Grandeza e magnificencia do Universo; Idéa geral da distribuição dos Mundos» — «As transformações e a Evolução da Superficie Terrestre» — «Aparecimento da Vida sobre a terra» — «O Homem antes da civilisação» — «A Evolução do Homem como ser animal» — «As Sociedades; o Homem como factor social», confiadas a dignos apostolos do magisterio superior, Mello Simas, Silva Telles, Thomaz da Fonseca, Agostinho Fortes e Ruy Telles Palhinha, deixaram profunda e grata recordação no animo d'aquelles que as escutaram e diante dos quaes, com o emprego de prejecções adequadas, foi corroborada e confirmada a magistral palavra dos sapientes mestres.

Na sessão de 6 d'agosto de 1909, da antiga camara dos deputados, Sabino Coelho, tendo enviado para a mesa uma proposta relativa á extensão universitaria, dizia, voltando-se para o Ministerio, presidido por um professor e contando no seu seio outros professores:

«Na hora em que no mundo intellectual se agita a questão da extensão universitaria, julgo ser opportuna a apresentação da proposta, visto as cadeiras do poder serem occupadas por um Ministerio que, sem favor, póde merecer a classificação de scienfico.»

Do primoroso lavôr, com que acompanhou a proposta, vou ainda recortar estas palavras:

«O que vale a iniciativa particular na cruzada meritoria está demonstrado pelo movimento geral em torno da ideia.

Na extensão universitaria do Estado de New-York, os cursos de dez lições, copiados dos ingleses e prolongados a muitos centros da provincia, foram antecedidos pelos do *Board of education.* Indagando, ainda na America, a origem da expansão pedagogica, encontra-se tambem a sociedade da extensão universitaria de Philadelphia, sustentada por subscrições e por as quotas de 300 a 500 dollars dos seus 300 socios ordinarios.

A sociedade para o bem estar de todos, a federação das associações operarias de Genebra, a sociedade phyrico-mathematica de Kasan e a sociedade da escola primaria iniciaram, respectivamente, na Hollanda, na Suissa, na Russia e na Polonia a extensão do ensino e foram seguidas por outras obras privadas até ella se familiarizar com a universidade official.

Estes movimentos particulares e outros estrangeiros chamaram a attensão dos poderes publicos, que, por seu turno, se animaram a novos emprehendimentos privados, num feliz circulo vicioso a que a Espanha não foi insensivel e em que os nossos Governos teem de envolver o país por meio de recursos financeiros, como faz a Belgica para com os cursos de extensão universitaria regidos em Bruxellas e, principalmente, na provincia, por professores, estudantes e individuos estranhos ás escolas, como sucede na Hungria, na expansão accorde com o plano de Wlassics, como acontece na Bohemia, quanto á organização technica, como devem, finalmente, fazer as nações que se honram de cooperar na infiltração do espirito scientifico nas differentes classes sociaes.»

Quizera transcrever, na integra, a esplendida peça, coherente e ponderada; mas o espaço não abunda e, além d'isso, as novas instituições que, entre nós, substituiram o degradado regime dos ultimos sessenta annos, pelo menos, teem de ser pelo Trabalho e pela Sciencia se, realmente, os seus homens politicos aspiram a manter a integridade territorial em alliança com a prosperidade publica e a civilisação progressiva.

Os cofres do Estado não permittem, por agora, infelizmente, toda a vasta reforma e remodelação de serviços da Instrucção Publica, que nos nivelasse, n'este ponto, com o modelar paiz da pedagogia universal, — a Suisso; entretanto, ha registo de diplomas, com caracter legal, que affirma, por parte de dirigentes, algum desejo official de melhor destino, educativo e «docente», a este povo sympathico e audaz, tão propositadamente mantido em trevas de vergonhoso analphabetismo, através de longos annos desperdiçados!

A Universidade Livre, de Lisboa, porém, iniciou-se como instrumento poderoso, a acudir ás mais immediatas necessidades de extensão iniversitaria popular e a preparar amplo terreno onde, futuras condiõçs economicas risonhas, avantagem e realcem, com exito completo, a cruzada de ensino particular, levada a effeito pela mencionada Universidade com simples quotas de vinte réis mensaes.

A todos os homens de boa vontade compete, por dever civico e rigorosa compenetração de dignidade moral, auxilial a no esforço honrado e na ligitima diligencia.

Não só com dinheiro se presta auxilio valioso, mas tambem com a possivel vulgarisação dos ideaes salutares, com a pratica exemplificada em meios differentes, por delegações voluntarias da instituição principal em missão apropriada a cada localidade, n'uma palavra, pela conservação individual conseiente ao papel de prelector em assumpto perfeitamente possuido.

E' preciso que chegue a dizer-se, applicando-a á Universidade Livre, a phrase de D. Antonio da Costa *(Historta da Instrucção Popular em Portugal*, cap. 3.º), applicada ao rei lavrador:

«Vingou a obra de D. Diniz.»

Obra de instrucção e de cultura em todo o sentido, que a roupeta negra do jesuita logrou destruir mais tarde, conduzindo-nos ao abysmo de Alcacer-Quivir!

Não, pertence-nos, de ora ávante, descerrar as palpebras para o porvir, armados com o arsenal do passado. E' a natureza o scenario certo em que se assignalam e assentúam todas as modalidades, toda a verdade, toda a serena identificação de coexistencias, e é á sciencia que devemos e deveremos sempre a decifração de factos, a coordenação de séries, o ultimo retóque de formulas organicas.

«As scieccias naturaes, podemos asseveral-o, ao presente, muito mais auctorisados que Conte, em 1825, com genuina propriedade, tornaram-se aos olhos de todos os individuos e hão de tornar-se, crescentemente, o objecto principal do ensino.» *(Opuscules de Philosophie Socieale*, 1819-1820.)

Continúa a desdobral-as, em lições frequentissimas, a Universdade Livre de Lisboa!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

NECROLOGIA

Vice-almirante Augusto de Castilho

Com a morte do vice-almirante Augusto de Castilho perdeu a ilustre corporação da armada, em que tantos portuguêses se tem adeantado, um dos seus oficiaes generaes que mais a honravam pelo seu valor militar e superiores dotes de inteligencia, não desmerecendo da gloriosa estirpe de que procedia, uma familia notavel por seus talentos, como é a de Antonio Feliciano de Castilho, o eminente poeta, que tanto levantou a literatura do seu país e se empenhou pelo desenvolvimento do ensino.

Augusto de Castilho, tambem como seu pae e seu irmão Julio de Castilho, honrou, a par da farda de marinha que distinguiu sobremaneira, as letras portuguêsas e não menos se empenhou no desenvolvimento dos dominios coloniaes de Portugal, a que dedicou o melhor da sua vida.

A resenha sucinta das suas notas biograficas basta para seu melhor elogio.

Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, nasceu em Lisboa a 10 de outubro de 1841, filho de Antonio Feliciano de Castilho (1.º visconde de Castilho) e de D. Ana Carlota Xavier Vidal, neto do dr. José Feliciano de Castilho, lente de prima da Universidade de Coimbra e medico da Real Camara. Foi seu padrinho de batismo Alexandre Herculano.

Feitos os primeiros estudos, Augusto de Castilho, dedicando-se á carreira de marinha, fez, com rara distinção, o curso da Politecnica nas cadeiras exigidas para a arma que seguia, e ainda outras, assim como o curso da Escola Naval. Sentou praça de aspirante a 22 de setembro de 1859 e, ainda antes de concluir o tirocinio escolar, acompanhava a expedição de marinha que, em 1860, partiu para Angola, a restabelecer a ordem alterada. De como se conduziu nesta sua primeira expedição dá testemunho a medalha, que lhe foi conferida, de bons serviços. Nesta viagem, feita na *Bartolomeu Dias* de que era comandante o, então, infante D. Luis, com este principe entrou em amizade, no convivio dos bons livros, de boas leituras a que ambos se entregavam.

Encontrava se na estação naval de Gôa, quando, em 2 de março de 1862, recebeu a patente de guarda-marinha, e pouco depois era nomeado pelo governador geral da India, conde de Torres Novas, adido á missão portuguêsa da demarcação dos limites do padroado português, no Oriente, de acordo com uma missão inglêsa. Naquele ano foi ainda graduado em 2.º tenente, ficando efétivo em 20 de abril de 1864, ano em que regressou á metropole.

Não tardou que entrasse em varias viagens, sendo uma ao Brasil e, sendo-lhe confiado o comando da escuna *Barão de Lazarin*, estacionou em Moçambique, onde aproveitando bem o tempo, levantou o plano hidrografico de alguns pontos da costa e barras.

Foi tambem comandante dos vapores *Tete* e *Quelimane.* A 27 de agosto de 1874 era nomeado governador de Inhambane e a 12 de maio de 1875, transferido para governador de Lourenço Marques. No mesmo ano, a 14 de setembro, promovido a capitão tenente, regressou a Lisboa.

Conhecendo já bastante dos nossos dominios coloniaes da Africa Oriental, aceitou uma candidatura a deputado pelo ultramar, em 1879, e a sua presença no parlamento bem se distinguiu versando as questões coloniaes, trabalhando com conhecimento e vontade nas comissões parlamentares de que fez parte, escrevendo na imprensa e, como membro da Sociedade de Geografia, os seus pareceres eram de pezo, como os mais valiosos.

Estava governador geral da provincia de Moçambique, em 1887, quando ocorreu um conflito com o sultão de Zanzibar, por este se negar a receber o representante de Portugal e a tratar com ele sobre questão de limites do seu país e Moçambique.

Augusto de Castilho foi forçado a romper as relações com o sultão, depois de um *ultimatum* que lhe enviou, tratando imediatamente de man-

dar ás aguas da costa de Zanzibar os navios da estação de Moçambique, corveta *Afonso de Albuquerque*, e canhoneiras *Vouga*, *Bengo* e *Douro*, com a guarnição de 600 praças, sob o seu comando. Esta esquadrilha logo aprisionou o vapor *Kilwa*, do sultão, com material de guerra para defeza de Tungue, ponto principal da reclamação do governo português.

Estas forças portuguêsas repeliram com bom resultado as forças do sultão, tomando lhe bandeiras e artilharia e assim terminou o conflito, voltando Augusto Castilho para Moçambique com a *Afonso de Albuquerque* e *Douro*, ficando ocupando a bahia de Tungue a *Bengo* e *Vouga*.

Em 1893 tendo se manifestado uma seria revolução da marinha no Rio de Janeiro, enviou o governo português áquele porto, para garantia da colonia portuguêsa a corveta *Mindelo*, comandada pelo sr. Augusto Castilho.

A presença do navio português nas aguas do Guanabara se não foi precisa para os portuguêses, tornou-se em salvaterio para os revoltosos brasileiros que, vendo se perdidos e incursos, acaso, nas penalidades que lhe seriam impostas até á do fusilamento, vieram pedir refugio ao comandante português, que humanitariamente os recebeu, com risco até para a lotação do navio por mal comportar tão grande numero de homens, mas o auxilio era preciso e o generoso e humanitario comandante não o sabia negar. Os revoltosos salvaram-se, tratando Augusto de Castilho de os ir desembarcar, sem demora em Buenos Aires. A politica, é claro, fez questão pelas vias diplomaticas, e o brioso e valoroso oficial português e o tenente sr. Anibal de Oliveira, tiveram de responder em conselho de guerra, no mais celebre processo que, em nossos tempos, se moveu no tribunal de marinha, empenhando-se nele os creditos de dois distintos advogados drs. Alves de Sá e Lopes Vieira, que conseguiram provar com documentos irrecusaveis a inanidade da acusação, absolvendo o tribunal por unanimidade os acusados, que se tornaram heroes.

Deve-se a Augusto de Castilho a superintendencia na construção da canhoneira *Patria* feita no nosso Arsenal de Marinha, com o produto da subscrição aberta entre a colonia portuguêsa, no Brasil, subscrição promovida pelo sr. conde de Avelar, que foi tambem o presidente da comissão executiva.

O sr. vice-almirante Augusto de Castilho contava 71 anos de idade e 52 de serviço, achando-se reformado desde 21 de novembro de 1910. Sobraçou a pasta da marinha e do ultramar em 1908 no ministerio presidido pelo sr. vice almirante Ferreira do Amaral, e, além das comissões a que já nos referimos, desempenhou as seguintes: comandante do cruzador *Vasco da Gama*, corvetas *Duque da Terceira* e *Mindelo*, escuna *Barão de Lazarin*, vapores *Quelimane* e *Tete*, canhoneiras *Rio Lima*, da divisão naval de Angola, divisão naval de reserva, e de instrução, composta do cruzador *Vasco da Gama*, corveta *Duque da Terceira* e canhoneira *Zambeze*; divisão naval do serviço sanitario no norte; capitão do porto de Setubal; vogal da extinta junta consultiva do ultramar; vogal da comissão encarregada de propôr as reformas tendentes a obter recursos financeiros para a provincia de Moçambique; encarregado de vigiar e ativar os trabalhos de fortificação da canhoneira *Vouga*; vogal da comissão encarregada de propôr o modo mais eficaz como se poderia cooperar na iniciativa particular com a do governo, para estabelecer nas costas do continente de Portugal e ilhas adjacentes estações de socorros a naufragos, sendo louvado pelo zêlo e inteligencia como se houve no desempenho desta comissão; vogal da comissão das reformas do Arsenal da Marinha; vogal da comissão encarregada de elaborar e publicar uma coleção de cartas das provincias ultramarinas; encarregado de estudar e propôr ao governo o melhor regimen pautal a estabelecer em cada uma das provincias ultramarinas, conforme os seus interesses e economia; vogal da comissão de cartografia.

Foi governador civil do distrito do Porto; segundo e primeiro comandante do corpo de alunos da armada; director da Escola Naval; presidente da comissão encarregada de examinar o tratado de aparelho elaborado pelo atual capitão de fragata sr. João de Sousa Bandeira; idem de estudar e dar parecer sobre um projecto referente a novos faroes de navegação; idem da comissão nomeada para emitir o seu parecer fundamentado sobre as vantagens de adotar o codigo internacional de sinais; idem encarregado de dar parecer sobre as duvidas que tem suscitado a escola de embarque dos oficiaes da armada; delegado tecnico para coadjuvar o ministro de Portugal na conferencia internacional de Bruxelas para a revisão de algumas das disposições do acto geral do comercio das bebidas alcoolicas em Angola; idem na conferencia em Haya para estudar os meios para evitar o aumento de armamentos; vogal do conselho superior de disciplina da armada; idem do Supremo Tribunal de Justiça; idem do Conselho Superior de Almirantes; idem da comissão encarregada de proceder a experiencias sobre telegrafia elétrica com os aparelhos de que são dotados os cruzadores *Almirante Reis* e *Adamastor* e dar parecer sobre qual o melhor sistema de sinais elétricos a adotar para a facil, segura e proficua correspondencia, não só dos navios da esquadra entre si, como destes com as fortalezas e seus postos semografos; vogal e presidente dos conselhos de guerra e marinha; presidente da comissão tecnica de artilharia naval; idem da comissão encarregada de estudar e propôr, em harmonia com as necessidades do serviço geral da armada, os meios de evitarem os inconvenientes apontados e designar qual o numero mais provavel de oficiaes subalternos que deveria habilitar-se no curso de torpedeiros elétricistas para satisfazer ás exigencias de bordo; inspétor do Arsenal da Marinha; nomeado para proceder ás inspéções da Escola Naval e da auxiliar de marinha; vogal do conselho superior de marinha; idem e presidente da secção da armada do supremo conselho de defeza nacional; vogal interparlamentar de pescarias; dirétor geral da marinha; administrador dos serviços fabris da armada; major general da armada.

VICE-ALMIRANTE AUGUSTO DE CASTILHO

Pela maior parte destas comissões foi louvado oficialmente com cartas e portarias muito honrosas, além de outras distinções oficiaes, como as das comendas das Ordens de Cristo e de Aviz, medalhas da expedição de Angola de 1860, já citada, medalha de prata de bons serviços, cavaleiro da Legião de Honra de França.

Era do conselho de Sua Magestade.

Os trabalhos literarios de Augusto de Castilho encontraram-se parte no *Boletim da Sociedade de Geografia*, no *Jornal do Comercio*, no OCCIDENTE, no *Diario de Noticias* e *Jornal das Colonias* ácerca dos dominios portuguêses do ultramar, que a fundo conhecia. Em livros publicou: *O Zambeze, apontamentos das suas viagens*; conferencia feita na Sociedade de Geografia, em 27 de julho de 1880, Lisboa, 1880; *O distrito de Lourenço Marques no presente e no futuro*, Lisboa, 1880; *O Transvaal e o dominio inglês*, traduzido da memoria de George Moodie, Lisboa, 1881; *O distrito de Lourenço Marques no presente e no futuro*, Lisboa, 1882, desenvolvendo a materia tratada no volume com o mesmo titulo publicado em 1880. Traduziu para inglês alguns romances de Alexandre Herculano. Ultimamente era um dos diretores do *Brasil Portugal*.

Como acima dissemos, as notas biograficas são o maior elogio de Augusto de Castilho, que faleceu em 30 de março findo depois de uma vida laboriosa empregada em bem servir o seu país. A' ilustre familia do extinto aqui apresentamos nossas condolencias.

Anuario Comercial de Portugal, Ilhas e Colonias, 1912. Propriedade de Manuel José da Silva, director, Caldeira Pires, 32.º ano, Lisboa, Praça dos Restauradores, 30. Dois vol. com cerca de 3:000 pags. in 4.º contendo um milhão de endereços, relativos ao continente de Portugal, Ilhas e Colonias, além das seguintes secções, que resumimos:

Calendario — Lisboa e suas atrações, incluindo situação geografica e clima, divisões administrativas, eclesiastica, eleitoral e judicial, roteiro, transportes terrestres e fluviaes — *Extinta monarquia*, pares, ordens militares e oficiaes demitidos, etc.

PARTE I — *Remodelação do sistema monetario português — Registo Civil — Contribuições — Correio e telegrafos — Taxa militar — Imposto do selo — Tabelas de cambio — Alfandegas, etc.*

PARTE II — *Republica Portuguêsa*, bandeira e hino nacional, *Presidencia da Republica, Constituição politica da Republica. Leis. Primeiro ministerio, Congresso. Ministerios* (pessoal das secretarias).

PARTE III — A que contem um milhão de endereços.

PARTE IV — *Instituições:* academicas; instrução e ensino; administrativas; beneficencia; judiciaes; militares e religiosas.

PARTE V — *Profissões.*

PARTE VI — *Praias, Sanatorios, Termas, Caminhos de ferro, Navegação.*

O 2.º vol. ocupa-se das provincias, ilhas e colonias, indicando a sua divisão districtal, concelhos e freguezias, principaes industrias, e comercio, feiras e mercados.

E' ocioso encarecer a utilidade deste Anuario que de ano para ano tem ampliado as suas secções, introduzindo outras novas, sempre no empenho de fornecer ao publico a maior soma de esclarecimentos que lhe utilisem, e que o mesmo publico já de ha muito vem conhecendo e aproveitando.

A razão deste asserto está na anciedade com que o publico todos os anos aguarda o aparecimento do *Anuario Comercial de Portugal* e que aqui temos o prazer de lhes anunciar.

PELOS TEATROS

Nacional

No meio da indiferença quasi total que o país mostra em tudo o que diz respeito a Arte, do sistemático desprezo dos podêres públicos, da falta de sentimento artístico do público, eu mantenho uma esperança que, a não se rialisar me daria uma ideia bem triste da gente da minha terra, e me convenceria absolutamente de que não laboro num erro criticando um pouco asperamente certos factos que à minha vista se deparam de tal fórma adulterados, em relação à sua natureza, que nenhuma justificação pódem ter.

Espero que seja um simples periodo de transição, um acontecimento ocasional o que se está passando, no que devia ser o nosso primeiro teatro.

Dalí emigrou a Arte para dar logar ao Mercantilismo.

A culpa não é por certo da sociedade artística que explorava o teatro sem fiscalisação àlguma.

Tampouco é do publico a quem todas as em-

TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT — «O Sol da Meia Noite», 3.º acto na camara do navio
(Cliché A. Lima)

presas cuidam de lisonjear os gôstos extravagantes.

Mas que todas fizessem isso está bem; era necessario, contudo, um refúgio, um santuário onde se guardasse religiosamente o pouco que temos de literatura dramática, onde se expuzesse o que ha de melhor nas literaturas estrangeiras, onde se encontrasse um pouco da Arte tão escassa entre nós.

As dissensões havidas quando se tratou da reforma da Arte Dramática produziram êste resultado.

Por felízes nos podemos considerar se isto melhorar na proxima época.

Cabe aqui apreciar um argumento que li àlgures tendente a justificar a atual situação.

E' sabido que nos ultimos anos o *D. Maria* era muito pouco concorrido, devido a causas que não vem aqui citar.

Representara-se Oscar Wilde, Shakespeare, Molière, D. João da Câmara, Garrett, etc.

E a respeito de espectadôres podia dizer-se que «era pasmoso o número de pessoas que não iam ao teatro.»

Era necessário portanto reconduzir as ovelhas ao aprisco mas como consegui-lo?

Lançando mão do moderno detectivo, o homem que salva as situações.

E, depois dísto, o público que já se tinha habituado às cómodas cadeiras do Nacional delas não poderia prescindir sempre que alí se representasse qualquer obra-prima de teatro onde, por certo, não havia detectivos, nem engenhosas artimanhas.

Era muito lógico.

Seria o mêsmo que dar a um bebado um copo de vinho para se deshabituar de beber.

Pobre Almeida Garrett!

Foi para isto que deram o teu nome glorioso ao teatro que tanto te deve.

Para continuar a moderna tradição do teatro representou-se agora uma comédia alemã que Freitas Branco traduziu livremente com o titulo de *Sol da meia noite*.

Admiravelmente conduzida, bem feita teatralmente, falta-lhe contudo a gráça que êste género requer, tendo apênas a salval-a o excelente desempenho que os actores do Nacional lhe deram, principalmente Inácio Peixoto que resultou soberbo no papel de Strauss, um viajante que tinha a mania de travar relações com toda a gente.

As scenas passam-se a bórdo, numa viagem à Noruega, onde os viajantes iam vêr o sol da meia noite.

O scenario é muito bom e bom seria que todas as empresas cuidassem de montar rigorosamente as suas peças, sobretudo com relação ao mobiliário que às vezes é deploravel.

De resto, se àlguma coisa ha a notar no *Sol da meia noite* é a linguagem demasiado pitoresca que nenhuma necessidade havia de empregar e que me parece estar tomando incremento nos nossos palcos, onde é vulgarissimo pronunciar palavras que nos veem ferir o ouvido pela grosseria e pelo sentido que exprimem.

A. N.

Atelier Photo-Chimi-Graphico
P. MARINHO & C.ª
5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA
NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographie chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ
Vende-se em toda a parte
BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ
Kilo 1:500 réis
Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos
CHOCOLATE — CAKULA
Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia
Pacote de 500 grammas, 600 réis

Onde todos devem comprar **SAPATARIA PORTUGAL**
DE A. Almeida e Costa
Rua dos Poiaes de S. Bento, 27 a 27-A — LISBOA

Almanaque Illustrado do «Occidente»
PARA 1912
Está quasi esgotado e recebem-se encomendas para os poucos exemplares restantes, na Empresa do «Occidente» L. do Poço Novo — Lisboa.

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS
Vinho Nutritivo de Carne de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. *Unico* legalmente auctorisado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na *debilidade*, na *pobreza do sangue* (anemia), na *convalescença de todas as doenças* e *sempre que é preciso levantar as forças*. E' muito usado ao *lunch* e ao *toast* pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que teem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCIDENTE»
Em percalina com lettras a ouro, encadernação de luxo
Ha capas para todos os annos, eguaes na cor para collecções.
Capa 800 réis
Capa e encadernação 1$200